

IMAGENS DA FRONTEIRA NAS MÍDIAS ELETRÔNICAS: OLHARES A PARTIR DE FOTOGRAFIAS SOBRE A FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

Ana Gláucia Seccatto
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
anag_seccatto@hotmail.com

Flaviana Gasparotti Nunes
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
FlavianaNunes@ufgd.edu.br

1. APRESENTANDO A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Os avanços tecnológicos atingem e influenciam cada vez a sociedade; os meios de comunicação circulam com uma ampla velocidade e são responsáveis por permitir que a sociedade contemporânea se caracterize como a sociedade da informação. O surgimento das diversas tecnologias de produção de imagens intensificou a grande circulação de imagens fotográficas pelos diversos veículos midiáticos. Especificamente na mídia eletrônica, as informações e as imagens são veiculadas com grande velocidade, exigindo que os indivíduos saibam a melhor maneira de lidar com elas, em outras palavras, que saibam decodificá-las e interpretá-las.

Frente a essa realidade, e entendendo que as imagens fotográficas possibilitam o desenvolvimento de noções e conceitos sobre o espaço geográfico, tornando-se de fundamental importância no processo de comunicação e produção do conhecimento dessa ciência, nos propusemos a desenvolver uma pesquisa que tem como principal objetivo identificar e analisar as concepções de e sobre a fronteira Brasil-Paraguai construídas a partir das imagens fotográficas veiculadas pelas mídias eletrônicas. Também objetiva-se refletir sobre os limites e possibilidades das concepções de fronteira construídas a partir dessas imagens no âmbito da Geografia escolar.

Sendo assim, o presente texto está vinculado à referida pesquisa em nível de mestrado, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados sob orientação da Profa. Dra. Flaviana Gasparotti Nunes. Tendo em vista que a pesquisa se encontra em fase inicial, neste texto apresentaremos algumas reflexões preliminares elaboradas com base em leituras e no primeiro levantamento de fotografias presentes em sites de notícias que abordam a fronteira Brasil-Paraguai.

Procuramos destacar que muitas dessas imagens podem, de alguma forma, criar e reproduzir estereótipos em relação à fronteira. Em contraposição, apresentamos outra imagem também presente nas mídias eletrônicas que pode contribuir para desconstruir estereótipos e ampliar as possibilidades de compreensão sobre as vivências na fronteira. Neste sentido, acreditamos que o trabalho com imagens pode contribuir para as discussões sobre temas referentes à fronteira, principalmente em áreas de fronteira, na medida em que pesquisas já apontaram limitações em relação aos materiais didáticos utilizados na maioria das escolas localizadas nessas áreas.

De acordo com Terenciani (2011, p. 190):

(...) percebemos que professores e professoras têm grandes dificuldades com relação ao tema, muitas vezes ficando restritos a datas comemorativas e festas folclóricas, como se fossem parte de

uma realidade paralela, que só se manifesta em determinados contextos específicos e/ou históricos.

A partir das constatações da autora, percebemos como geralmente as questões referentes às fronteiras são trabalhadas em sala de aula, ficando clara a deficiência e a dificuldade encontrada pelos professores, ao se defrontarem com esses temas. Segundo Terenciani (2011, p.146):

A fronteira se resume a um conteúdo que deve ser trabalhado, aos poucos, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, pois a ementa curricular assim determina. Percebemos um distanciamento da Geografia com a realidade social que é vivenciada, e (re) produzida pelos sujeitos cotidianamente.

Para a autora, os professores estão trabalhando com os conteúdos referentes à fronteira de forma distante da realidade vivida pelos alunos, reforçando as concepções que os alunos têm sobre a Geografia escolar como sendo uma disciplina sem serventia na sua vida cotidiana.

Em outros casos, a fronteira é trabalhada apenas como limite político e administrativo de divisão territorial, de onde começa e terminar o domínio de determinados estados, uma visão simplista muito criticada por Raffestin (2005, p.10), que salienta que “a fronteira vai muito mais além do fato geográfico que ela realmente é, pois ela não é só isso”. Segundo o referido autor, pensar a fronteira apenas como limite político-administrativo é uma ideia simplista e pobre, que não abarca a complexidade e multiplicidade de significações que o termo carrega. O autor critica a noção que a cultura ocidental tem sobre a fronteira, destacando que tal noção é de uma pobreza absoluta, por reduzir a dimensão de fronteira a limites meramente territoriais e cartográficos. Raffestin atribui essa ideia de fronteira como sendo produto da formação dos Estados-nações, que precisava de delimitações precisas para atender suas necessidades de gerenciamento do território. Segundo o autor, a fronteira não se reduz a determinação física, pois:

a fronteira não é uma linha, a fronteira é um dos elementos da comunicação biossocial que assume uma função reguladora. Ela é a expressão de um equilíbrio dinâmico que não se encontra somente no sistema territorial, mas em todos os sistemas biossociais. (RAFFESTIN, 2005, p.13)

Portanto, as fronteiras, muito além de serem um marco de limite e de divisão territorial de separar dois Estados-nações, e de administração política, de onde começa e acaba o domínio de determinados estados, envolvem construções simbólicas de pertencimento, de mestiçagem, e de intercâmbio cultural e de relações sociais, ela é construída cotidianamente pelo choque, trocas e mobilidades de pessoas, culturas, línguas e crenças que no contato com o diferente se multiplicam e dão vida às dinâmicas dos espaços fronteiriços.

Nesse sentido, imensas são as trocas em termos de cultura e costumes ou questões de ordem política, social e econômica que interferem na vida das populações fronteiriças.

As fronteiras são fluxos, mas também obstáculos, misturas e separações, integrações e conflitos, domínios e subordinações. Elas

representam espaços de poder, de conflitos variados e de distintas formas de integração cultural. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 05).

Assim, os limites visíveis e invisíveis da fronteira marcam as identidades pessoais, étnicas e nacionais que são cotidianamente produzidas através de uma divisão de territórios, de culturas, de identidade, de nacionalidade, ordens e desordens que fazem parte das regiões fronteiriças. Essas regiões são palco de complexas relações sociais e culturais, são territórios marcados pelo confronto de etnias e nacionalidades, “são relações diferentes que se unem e se dividem demonstrando a dialética da fronteira: a vida (entre) o lado de cá e o lado de lá” (MONDARDO, 2009, p. 01).

Nesse emaranhado de questões referentes à fronteira, e diante do fato de que no mundo contemporâneo é cada vez maior a quantidade de informações que transitam e atingem as pessoas principalmente por meio das mídias, as quais exercem um poderoso papel de fusão e difusão de estereótipos e preconceitos, tendo um poder imenso na construção de realidades entre as pessoas, nas regiões fronteiriças, as mídias têm sido forte fonte de alimentação dos mais diversos estereótipos sociais.

Segundo Silveira (2007, p. 01) “o cotidiano das fronteiras internacionais do Brasil são atrelados a um imaginário de situações recorrentes e articulados pela ausência de estado, caos e violência”. A partir desses estereótipos são construídos e manifestados vários fatores de alteridade, etnocentrismo, discriminação e inferiorização em relação às regiões fronteiriças, estabelecendo laços de conflitos e resistência na busca de auto-identificação étnica ou nacional.

As mídias articulam imagens e informações de diferentes partes do mundo, realizando um grande impacto na sociedade; elas são capazes de ditar conceitos, moda, cultura, modo de vida, assuntos, padrão de beleza, idéias, comportamentos, pensamentos, enfim, podem realizar uma verdadeira alienação nos indivíduos. Nesse sentido, a função dos meios de comunicação, muitas vezes, tem passado da função informativa para a de instrumentos de tentativas de sustentar e legitimar políticas dos sujeitos detentores de poder. Em outras palavras, as representações midiáticas são capazes de criar um imaginário comum na sociedade, imaginários esses que são construídos a partir de representações politicamente dominantes.

Neste contexto, entendemos que as imagens fotográficas assumem fundamental importância para a compreensão do mundo, por se fazerem presentes cada vez mais na vida da sociedade. Porém, temos que estar atentos para não sermos reprodutores de ideologias, pois com a grande velocidade de veiculação de informações, frequentemente as imagens fotográficas vem sendo utilizadas para manipular a opinião pública, podendo exercer o papel de alienação nos indivíduos.

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e divulgação. (KOSSOY, 2002, p.20)

Para Kossoy (2002) essa manipulação só é possível por causa da grande credibilidade que a sociedade tem nas informações contidas nas imagens fotográficas. Por se tratarem de um recorte espacial feito em um determinado momento, as

fotografias funcionam como uma imagem congelada do passado, seus conteúdos são aceitos como expressão da verdade.

2. AS IMAGENS DA FRONTEIRA: PREDOMÍNIO DO ESTEREÓTIPO

Se fizermos uma busca simples em sites de pesquisas na internet sobre a fronteira Brasil-Paraguai, iremos nos deparar com a maioria de imagens referentes a assassinatos, narcotráfico, prisões, contrabandos ou apreensão de produtos ilícitos, acompanhando textos que se remetem ao que acontece na fronteira, e em um número bem reduzido, encontraremos outras imagens que se referem a outros assuntos como a cultura ou o lazer. Tomamos como exemplo, as duas imagens a seguir que são veiculadas na mídia referentes à fronteira, especificamente entre o Brasil e o Paraguai.

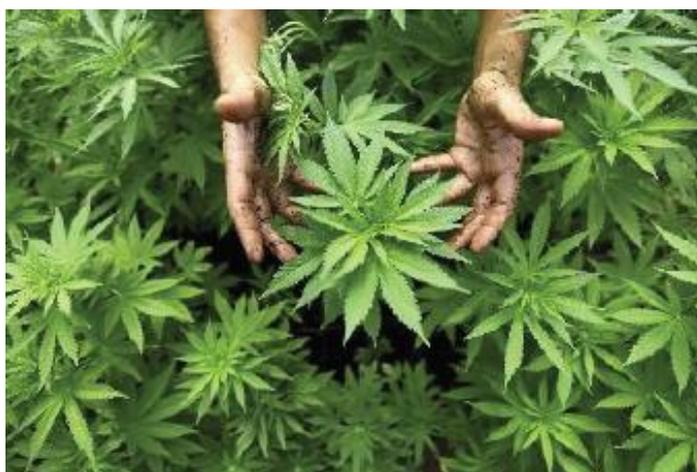


Figura 1: Plantação de maconha, no distrito de Itakyry, próximo à fronteira com o Brasil

Fonte: <http://www.efe.com/efe/noticias/brasil/mundo/paraguai-apreende-toneladas-maconha-que-abasteceriam-traffic-brasil/3/17/2100952>



Figura 2: Assassinato em Ypejhu-PY fronteira com Paranhos MS

Fonte: <http://portal.paranhosms.com/regiao/morto-a-tiros-um-homem-em-ypejhu-paraguay-fronteira-com-paranhos-ms/1314>

As imagens apresentadas acima, nos apresentam na figura 1 uma plantação de maconha no distrito de Itakyry, próximo à fronteira com o Brasil, e na figura 2 um assassinato em Ypejhu-PY fronteira com Paranhos-MS. Tais imagens foram retiradas em meio a muitas outras que circulam nas mídias eletrônicas e que, em suma,

caracterizam as mesmas temáticas recorrentes sobre a fronteira, as quais tendem a suscitar ideias que remetem à condição e contextos conflitantes, de ilegalidade e violência. De acordo Silveira (2007, p.11):

A análise da cobertura da mídia impressa no tema das fronteiras internacionais brasileiras reitera o condicionamento da atitude profissional que reproduz um noticiário viciado em torno de alguns elementos recorrentes: *violência urbana e rural* (assaltos, assassinatos, perseguição política a cidadãos de países vizinhos em território brasileiro); *terrorismo* (vínculos com grupos terroristas muçulmanos e colombianos); *exclusão social* (imigrantes e trabalhadores estrangeiros sem documentos e/ou direitos legais, clandestinidade, pobreza) e *contravenções legais* (contrabando de sementes transgênicas, alimentos, roupas e eletro-eletrônicos, abigeato, tráfico sexual e de drogas).

Nesse sentido e em concordância com Silveira, percebemos como a mídia, quando aborda a fronteira, pauta-se em noticiários que se restringem a alguns elementos recorrentes como falsificação, contrabando, roubo, fraude, fuga de suspeitos ou tráfico. É o que podemos observar nas fotos das figuras 1 e 2 que procuram associar as imagens da maconha e de um homem morto à fronteira e, principalmente, ao Paraguai.

Os elementos destacados nas imagens nos mostram como as mídias podem criar realidades sobre as regiões fronteiriças. Uma pessoa que nunca foi em áreas de fronteira, que não conhece a realidade e o cotidiano da vida nessas regiões, ao entrar em contato com tais imagens fotográficas que são veiculadas com grande difusão pelas mídias que atualmente atingem a áreas mais remotas do país e do mundo, pode construir um entendimento ou concepção simplificada sobre a realidade dessas áreas. Isso contribui para que muitos desenvolvam o sentimento de medo de ir ou viver nessas regiões, e acabem vendo a fronteira de forma estereotipada e preconceituosa como “fim do mundo”, “faroeste” ou “terra sem lei”.

Diante do exposto, no meio educativo tem se notado a crescente necessidade de os alunos decodificarem a linguagem visual midiática para entenderem os conteúdos das mensagens e dos interesses e propósitos dos atores que as produzem, para que de forma crítica e reflexiva as interpretem e não sejam reprodutores de interesses e de ideologias de dominação e legitimação do poder.

Se a leitura do mundo implica um processo permanente de decodificação de mensagens, de articulação/contextualização das informações, cabe à escola ensinar o aluno a lê-lo também, por meio de outras linguagens e saber lidar com os novos instrumentos para essa leitura. (PONTUSCHKA, PAGANELLI & CACETE, 2007, p. 262)

A Geografia como disciplina integrante do currículo escolar, deve propiciar aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências para que os mesmos interpretem as linguagens visuais cotidianamente veiculadas pelas mídias. Neste sentido, entendemos que a linguagem fotográfica potencializa as aprendizagens dos alunos na medida em que possibilita o desenvolvimento de habilidades próprias do processo de alfabetização geográfica como: observar, descrever, representar, comparar e analisar, conceitos e fatos de forma fundamentada e crítica da realidade em estudo. O aluno deve ser alfabetizado também para realizar a leitura crítica das mais diversas imagens fotográficas veiculadas pelas mídias. Segundo Freire *apud* Souza (2006, p.2)

“a alfabetização pressupõe muito mais do que o ato de ler e escrever, ou no contexto da alfabetização digital, é mais do que conhecer linguagens de programação, instalar ou utilizar um sistema operacional, um aplicativo, corresponder-se eletronicamente ou navegar na rede”, ou seja, o aluno tem que ser alfabetizado nas diferentes linguagens e não apenas na verbal, ele deve estar apto para ler e interpretar tanto linguagens verbais como as visuais.

Num momento de grande disseminação dos meios de comunicação, acreditamos que as imagens fotográficas que são veiculadas pelas mídias eletrônicas e que geralmente aparecem acompanhando textos verbais ou substituindo-os, “são capazes de veicular conceitos, gerar reflexão e didatizar o conhecimento” (MARTINS, 2002, p.137). Podem também construir estereótipos preconceituosos acerca de determinadas comunidades, como sobre as regiões de fronteira.

Kosoy (2002) afirma que os vários equívocos se encontram pela desinformação conceitual sobre as interpretações das fotografias, resultantes do desconhecimento e despreparo para a utilização das representações fotográficas. O emprego das imagens fotográficas do passado ou do presente são tidas apenas como “ilustração” dos textos escritos.

De acordo com Silveira (2007, p.11):

Através da fotografia temos não só uma via de conhecimento além do texto escrito, como também a construção do real. O texto fotográfico como evento noticioso busca remeter a uma verdade, e sua direção de leitura está condicionada ao universo particular de um destinatário, pois ele pode se apropriar do texto visual a sua maneira. É fato, também, que não podemos analisar as fotografias de uma reportagem sem levar em conta os elementos e técnicas de que o enunciador se usa para atingir seu objetivo e propor a construção de uma idéia.

Assim, acreditamos que a fotografia potencializa as aprendizagens dos alunos, e oferece aos educadores a inserção dessa linguagem em sala de aula, para que sua prática pedagógica não seja apenas mediada pela linguagem verbal dos textos escritos. O professor pode utilizar-se das fotografias contidas nos livros didáticos, ou presentes em notícias de jornais, revistas ou nas mídias eletrônicas, buscando desenvolver habilidades críticas de análise e observação dos alunos. Ao valorizar as competências dos alunos o educador permite que o ambiente de ensino vá além das aulas tradicionais do repasse de conteúdos e de memorizações:

(...) uma fotografia bem trabalhada pode levar o aluno a refletir sobre suas atitudes e a realidade em que está vivendo, possibilitando o interesse em estar descobrindo e entendendo mais profundamente a imagem fotográfica, observando, e, conseqüentemente tomar posturas e atitudes diferentes. (SILVA, 2005, p.79)

Para Silva (2005) o trabalho com a linguagem fotográfica em sala de aula instiga os alunos em continuarem aprendendo, tomando postura crítica na análise das fotografias relacionadas com a realidade de sua vivência.

Pensando na condição fronteiriça de vários municípios de Mato Grosso do Sul, as imagens fotográficas das mídias eletrônicas podem estar construindo identidades e olhares estereotipados e preconceituosos acerca da fronteira, já que geralmente essas

regiões são apresentadas pela mídia como áreas de conflitos, de assassinatos ou de lugar de passagem do comércio ilegal.

Os indivíduos, ao entrarem em contato com as imagens veiculadas pela mídia devem ter em mente que não se pode aceitar as fotografias como real reprodução do presente, elas agem como fontes de informações históricas e devem ser decodificadas e contextualizadas levando em consideração os múltiplos desdobramentos políticos, sociais, econômicos e culturais realizados na sociedade no espaço de tempo em que elas foram eternizadas e tornadas como documento pelo fotógrafo até o momento em que ocorre sua análise, para assim, se chegar à construção do conhecimento mediado pelas fotografias. Porém, sem o desenvolvimento de habilidades de compreensão crítica e reflexiva, a maioria das pessoas não consegue interpretar as realidades relatadas nas fotografias, e acaba por reproduzir os estereótipos criados pelas representações midiáticas sobre a fronteira.

Sendo assim, devemos pensar que as imagens reproduzidas especialmente pelas mídias eletrônicas podem alienar os indivíduos, mas também podem educá-los no sentido de construir uma determinada compreensão sobre o fato ou questão abordada. Aí se faz necessário o papel de fundamental importância do professor de preparar os alunos para que eles, de forma crítica, interpretem as diversas linguagens imagéticas veiculadas por esses meios de comunicação, pois:

Na era da globalização, em que as informações chegam de forma muito rápida por meio de televisão, do cinema, do rádio, do vídeo, do computador, o trabalho pedagógico do professor enriquecer-se-á se ele utilizar todos esses recursos para a produção de um conhecimento que ajude o aluno a compreender o mundo em que vive. (PONTUSCHKA, PAGANELLI & CACETE, 2007, p. 263)

Partindo do pressuposto acima, percebemos o quanto é necessária a alfabetização visual na educação escolar; o aluno deve estar apto para interpretar as diversas imagens que são veiculadas na sociedade.

3. IMAGENS DA FRONTEIRA: OLHARES PARA ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS

Mesmo com a presença significativa de imagens veiculadas pela mídia eletrônica que constroem preconceitos sobre as regiões de fronteira, também encontramos outras que podem estabelecer contrapontos ou mesmo propiciar elementos que possibilitam ampliar as concepções sobre a mesma.

Desta forma, destacamos as possibilidades de discussão e reflexão sobre a fronteira a partir da imagem fotográfica da Figura 3. A imagem é do fotógrafo Ernesto Franco que retrata em suas fotografias a paisagem fronteira e a imagem do homem e da mulher da fronteira¹. Acreditamos que a fotografia em questão possibilita que o professor leve seus alunos a uma discussão mais ampla sobre a fronteira e sobre a realidade das vivências nessas regiões.

¹ A fotografia fez parte da Exposição Fronteiras do Festival América do Sul, realizado em Corumbá-MS no ano de 2004.



Figura 3 - Fronteira Móvel

Fonte: <http://www.overmundo.com.br/overblog/sul-america-de-ernesto-franco>

Nesta imagem, o fotógrafo Ernesto Franco nos surpreende ao apresentar, entre luzes e sombras, expressões e o cotidiano da vida fronteiriça. A imagem do homem, da mulher e da criança carregando sacolas nos dão a impressão de que estão em constante relação de contato e mobilidade entre as fronteiras, seja por relação comercial de intercâmbio de mercadorias, ou pela sensação que as luzes e sombras contidas na imagem nos trazem a impressão de ser um final de dia que poderia ser de trabalho, marcando as diversas relações dos indivíduos que vivem em áreas fronteiriças, que vão muito além das que cotidianamente vemos veiculadas nas mídias. Os fluxos contínuos de pessoas, informações, mercadorias, ideias, culturas, etc., contribuem para que as regiões fronteiriças e principalmente para os indivíduos que nela habitam vivenciem uma realidade única, onde os limites internacionais não impedem o livre fluxo e mobilidades entre os dois países.

Entretanto, percebemos que a mídia se restringe a dar destaque ao tráfico de drogas, assassinatos e ao contrabando na fronteira, não dando a essas regiões um olhar atencioso às peculiaridades que fazem parte do seu dia a dia.

Frente às multiplicidades de relações de contato e de trocas que envolvem os espaços fronteiriços, Pasavento (2002, p.35) relata que:

Como realidade transcendente, a fronteira é um limite sem limites, que aponta para um além. É conceito impregnado de mobilidade, princípio este tão caro à história. Se a fronteira cultural é trânsito e passagem, que ultrapassa os próprios limites que fixa, ela proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e ética.

Assim, como aponta Pasavento, a fronteira não é fixa, ela é móvel, lugar de trocas e de mobilidades, “a fronteira é um limite sem limites”. O contexto de mobilidade apresentado na figura 3 fica ainda mais claro quando observamos o nome dado pelo fotógrafo à imagem: “Fronteira Móvel” - de fronteiras sem limites, de não fixidez, a fronteira não só como limite que separa, mas que integra povos, nações,

culturas e valores diferentes. O horizonte ao fundo da fotografia traz essa ideia de um mundo sem fronteiras, de mobilidade e liberdade.

O espaço fronteiriço apresentado na figura 3 nos leva a exercitar o nosso olhar para interpretar o pensamento criado pelo fotógrafo e que foi eternizado na foto. Ao dialogarmos com a imagem, percebemos como a foto está carregada de geografias, pois, foi possível extrair dela elementos importantes para a compreensão da vida cotidiana na fronteira, a imagem nos forneceu informações que possibilitaram o diálogo sobre o espaço fronteiriço.

Não estamos querendo aqui afirmar que as mídias não devem mais publicar e circular imagens destacando temáticas como violência, contrabando, tráfico ou outras situações conflitantes referentes à fronteira em suas reportagens e em seus sites. Nosso intuito é de chamar a atenção para que a sociedade perceba que as regiões fronteiriças não se resumem apenas a contextos conflitantes que costumeiramente as mídias circulam com um olhar vicioso nas mesmas temáticas.

Pretendemos também destacar que no âmbito escolar os professores devem estar atentos e levarem em consideração que os alunos estão em contato com essas imagens cotidianamente, e isso traz a necessidade de desenvolver habilidades para saber decodificá-las, para não serem manipulados, criando e reproduzindo estereótipos. Nesse sentido, salientamos o potencial educativo das imagens, notadamente as fotográficas, possibilitando o desenvolvimento de habilidades e competências na alfabetização geográfica e fornecendo aos educadores novas possibilidades de abordagem para as temáticas referentes à fronteira.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, José L. C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai.** São Paulo: Annablume, 2010, p. 33-58.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

MARTINS, Elaine Rosa. **A imagem no livro didático: um estudo sobre a didatização da imagem visual.** 2002. 145p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MONDARDO, Marcos L. **Da fronteira a “fronteira”:** observações do eu e do outro na (di)visão entre Brasil e Paraguai. Dourados: UFGD, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mondardo-marcos-da-fronteira-a-fronteirica.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2012.

PASAVENTO, Sandra J. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.) **Fronteiras Culturais: Brasil, Uruguai, Argentina.** Cotia (SP): Ateliê editorial, p. 23-39, 2002.

- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007
- RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito C. M. de (Org.). **Território sem limites – estudos sobre fronteiras**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, p. 9-14, 2005.
- SILVA, Renata M. **O uso da fotografia no ensino da Geografia**. Londrina, 2005. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia). Universidade Estadual de Londrina.
- SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **A Identidade Deteriorada: Jornalismo e estigmas sociais**. Grupo de Trabalho “Cultura das Mídias”, do XVI Encontro da Compós, na UTP, Curitiba, PR, junho de 2007. Disponível em: <http://danielegross.com.br/site/Alumni/Identidade_Identifica%C3%A7%C3%A3o/IdentidadeDeteriorada.pdf>. Acesso em: 05 out. 2012.
- SOUZA, Carlos A; BASTOS, Fabio da P. de B; ANGOTTI, José A. P. **As mídias e suas possibilidades: desafios para o novo educador**. Centro de Ciências da Educação/UFSC, Camboriú, SC, p. 1-14, 2006. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/men5185/artigos/angotti_as_midias.htm#5> Acessado em: 25 out. 2012.
- TERENCIANI, C. **Interculturalidade e ensino de Geografia em escolas na fronteira Brasil-Paraguai em Mato Grosso do Sul**. Dissertação de Mestrado. Dourados: UFGD, 2011.